



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

A LINGUAGEM NA/DA BOLA: SIGNIFICADOS DO FUTEBOL EM PORTO VELHO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Elis da Silva Oliveira

Resumo

Este artigo apresenta algumas questões sobre o futebol, observando-o na condição de elemento da vida cultural capaz de inculcar sentidos, valores e visões de mundo, refletindo e dando novas tonalidades para as relações em sociedade, vendo o futebol como uma linguagem diferenciada que contém elementos externos e ainda signos próprios e códigos específicos voltados para aqueles que o praticam. Por sua importância significativa na sociedade, ao analisá-lo se torna possível compreender não apenas os arranjos internos ao jogo como ainda observar forma como uma dada sociedade (neste caso a de Porto Velho-RO) se apropriou da prática do futebol e os conteúdos atribuídos sobre a cidade a partir deste jogo de bola na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Futebol. Linguagem. Esporte.



Abstract

This article presents some questions about football, watching him in the cultural life element condition capable of instilling senses, values and worldviews, reflecting and giving new shades for relations in society, seeing football as a different language that contains external elements and still own signs and specific codes focused on those who practice it. For its significant importance in society, to analyze it becomes possible to understand not only the internal arrangements to the game as yet observe how a given society (in this case the Velho Porto) appropriated the practice of football and the assigned content over the city from this ball game in the first half of the twentieth century.

Keywords: Football. Language. Sport.



De fato, o futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições histórias e existências das últimas décadas [...] Imagem que mostra tanto a realidade externa (social, econômica e política) quanto a interna (anseios, medos, frustrações, esperanças, alegrias). Como toda metáfora, uma coisa no lugar de outra, o futebol é sentido antes de ser compreendido, e no entanto, como toda metáfora, ele pode, e deve, ser também analítica e criticamente examinado. (FRANCO JÚNIOR, 2007: 166).

Futebol. Bola. Campo. Chute. Rede. Gol. Explosão de sentimentos, felicidade de um lado, desapontamento de outro, entrega e envolvimento de ambos. Que jogo de bola é esse que em diversas canções, poesias, narrativas e interpretações sobre o Brasil se estabelece como importante elemento do ser brasileiro? Amado, odiado ou amado por ser odiado e odiado por ser amado, o que faz e o que fez do futebol o Futebol?

Visando pensar sobre sua importância e seus significados na sociedade brasileira, especialmente vistas a partir de determinados contextos da realidade amazônica urbana, neste artigo me proponho a pensar a construção dos discursos sobre o futebol na primeira metade do século XX na cidade de Porto Velho-RO colocando-o na condição de elemento cultural e contendo uma linguagem própria (sele ele mesmo uma linguagem), observando as disputas as quais este esporte representou e ainda os significados específicos construídos a partir desta prática.

Penso o futebol a partir de dois prismas que se integram: o futebol como significado e o futebol como significante. Se, de um lado, este esporte em seu processo histórico internalizou discursos e contextos de classes, clubes, localidades, empresas, regiões e/ou nações, de outro ele possui uma linguagem própria que tem a capacidade de dar um dinamismo diferenciado a prática e ainda consegue superar determinadas limitações e diferenciações a partir de uma forma própria de interação social, criando a partir da



linguagem da bola uma nova forma de pensar as sociedades que praticam este jogo.

Para isso, em um primeiro momento apresento os arranjos históricos que nortearam a inclusão do futebol no Brasil, a forma e discursos nos quais ele foi envolto, especialmente em Porto Velho e na sequência apresento algumas indagações sobre a linguagem e os códigos específicos do mundo do futebol que foram capazes de dar a este jogo um caráter específico de não apenas refletir como ainda gerar novas dinâmicas e questões sobre os contextos sociais, políticos e econômicos.

Ao pensar o futebol desta forma, o faço não por acreditar que apenas ele tenha essa capacidade, mas considero importante observar que este esporte, como nenhum outro, foi e em certo modo continua sendo um dos principais elementos da vida cultural brasileira. A cultura, por seu lado, se torna um campo de destaque para observar uma dada sociedade justamente por consistir em si o conjunto das relações materiais de vida, posto que ela não é apenas o melhor que um dado grupo produziu, tampouco reflete sua riqueza ou beleza, enciclopedicamente vista. Observo a cultura fazendo uso das considerações de Williams (2011) e Gramsci (2001, 2014) como o conjunto das relações em sociedade, permeadas por conflitos, contradições e disputas que são no âmbito cultural representadas e ainda, recodificadas. A cultura como processo, como jogo cujas rivalidades e posições diversas se enfrentam em torno tanto da hegemonia e da busca por tornar comum determinados discursos, projetos e visões de mundo.

E ao falar em jogo, no Brasil, como ignorar o futebol? Entre dribles, toques, chutes, defesas e gols, o futebol pode auxiliar a entender a realidade na qual vivemos ou uma dada realidade já vivida, todavia para isso é necessário não apenas vê-lo, como também entender sua linguagem e seu contexto

(tanto como um microcosmo social como ainda uma realidade diferenciada e com regras, limites, sintaxes e semânticas próprias).

FUTEBOL E DISCURSOS

Durante a virada do século XIX ao XX o futebol foi introduzido na vida social e cultural brasileira, importado como mais um dos elementos do processo chamado por Needell (1993) como Belle Epoque Tropical no caso do Rio de Janeiro e de Belle Epoque Amazônica por Daou (2004) sobre a região da Amazônia urbana. Embora também praticado por imigrantes ingleses envolvidos na construção, especialmente, de estradas de ferro e trabalhadores nas indústrias, este esporte teve sua construção oficial incentivada majoritariamente em meio as camadas mais abastadas nas sociedades e cidades brasileiras.

A fundação de clubes esportivos, ligas competitivas e principalmente, já nos primeiros anos do século XX com a construção de times praticantes do *foot-ball* construiu-se em torno deste jogo um conjunto de significados e propriedades discursivas que seriam impulsionadas a partir dele para o restante da sociedade. Pereira (2000) menciona a emergência deste esporte como, inicialmente, uma forma de enaltecimento à cultura europeia, buscando-se promover a distinção social daqueles que o praticavam e inculcar valores do discurso da modernidade em seus pilares de urbanização, embelezamento e higienização.

É neste contexto que surge e se consolida a figura do *sportman* e o fortalecimento do discurso *mens sana in corpore sano*, impulsionando a ideia de que a partir da prática esportiva seria possível construir um novo tipo de humanidade e civilidade (algo existente na própria normatização do esporte na realidade britânica, de acordo



com Bourdieu [2003]). O *sportman*, termo genérico para definir os adeptos dos esportes, estabelecia-se ainda como referência para um novo padrão de conduta e comportamento social. O controle do corpo e da mente por meio de atividades físicas se tornou no período de transição do século XIX ao XX uma importante ferramenta para dar sentido ao discurso da modernidade e décadas mais tarde, ao discurso nacionalista e da vinculação do atleta com o caráter bélico (o atleta soldado, guerreiro, lutador) e ufanista.

Conforme aponta Melo (2010) tanto na cidade do Rio de Janeiro, quanto em São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Aracaju, Recife, Natal, Belém (as quais incluem Manaus e Porto Velho) tem sido possível observar e analisar a emergência do futebol neste período de transição de séculos e a crescente vinculação da prática esportiva com princípios e discursos de controle dos corpos, sujeição à norma e ainda, o enaltecimento do belo, do lúdico como formas de distinção social e/ou fortalecimento da diferenciação de classes, etnias, clubes e localidades.

Os clubes esportivos e de futebol neste período eram formados por grupos e contextos diversos. Os clubes dos segmentos mais abastados (sendo estes os clubes participantes dos campeonatos oficiais, excluindo-se os demais), clubes de escolas, clubes de fábricas, clubes vinculados aos segmentos mais abastados, clubes de bairro (chamados de *várzea*) e ainda, as agremiações relacionadas aos grupos imigrantes deram nas primeiras décadas do século XX uma dinâmica interna ao futebol brasileiro, cuja prática refletia e dava novos contornos para diversos discursos e disputas. Neste contexto, Oliveira (2016, p. 48-49) aponta a existência de:



Clubes vinculados a colônias portuguesas, a exemplo do Clube Vasco da Gama (Manaus-AM), Tuna Luso Brasileira (Belém-PA), Sport Club São Paulo (Rio Grande – RS), Clube de Regatas Vasco da Gama (Rio de Janeiro – RJ), colônias germânicas, referenciadas pelos Sport Club Germânia (São Paulo – SP) e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Porto Alegre – RS), colônias italianas na figura dos clubes Guarani Futebol Clube (Campinas – SP) e dos clubes homônimos Societá Sportiva Palestra Itália (São Paulo – SP e Belo Horizonte – MG) e ainda por grupos de ingleses, cuja influência se deu de forma muito ampla entre boa parte dos clubes fundados na época, a exemplo do Manaus Sporting Club (Manaus – AM). É importante mencionarmos ainda a existência de clubes vinculados a escolas e ainda aos operários e funcionários de fábricas e ferrovias (seja nacionais e/ou estrangeiros). Em relação os clubes criados em escolas, podemos mencionar o caso dos clubes Associação Atlética Mackenzie College (São Paulo – SP) formado por alunos da escola citada na nomenclatura do clube, e a Associação Atlética Ponte Preta (Campinas – SP), criada por alunos do colégio Culto a Ciência. Em relação ao segundo caso, o Bangu Atlético Clube (Rio de Janeiro – RJ) tem sua origem vinculada a operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, o Villa Nova Atlético Clube (Nova Lima – MG) foi criado por trabalhadores ingleses da Saint John Del Rey Mining Company Limited., o Rio Claro Futebol Clube (Rio Claro – SP) e o Paulista Futebol Club (Jundiaí – SP) por trabalhadores da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, o Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo – SP) é vinculado a operários do bairro Bom Retiro, o Esporte Club Novo Hamburgo (Novo Hamburgo – RS) é ligado aos trabalhadores da fábrica de calçados Adams e o Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas – RS) a funcionários da Cervejaria Haertel. Neste contexto, Sevckenko (1994: 35) enfatiza que “um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais”.

De um modo geral, é importante pontuar que embora diferenças internas sejam visíveis tanto na composição dos clubes como ainda ao redor dos discursos sobre o futebol, todos estavam vinculados ao contexto histórico internacional da segunda revolução industrial e a expansão imperialista do capital comercial, industrial e cultural europeu e norte-americano pela América do Sul, Ásia e África. Especialmente no Brasil, com o fim da escravidão negra e com a



proclamação da República, novas práticas culturais surgiam como forma de não apenas negar o regime anterior, como ainda dar uma nova tonalidade cultural e simbólica para os espaços e grupos urbanos em detrimento do ambiente rural.

É neste contexto mais amplo em que o futebol é infiltrado no Brasil e não é por coincidência que cidades amazônicas como Porto Velho, Manaus e Belém tenham se urbanizado neste contexto negando os rios e a natureza que lhe cercava, inclusive diminuindo a ênfase esportiva positiva na prática do remo (embora tenha mantido sua nomenclatura, a exemplo dos clubes de regatas cariocas, o Clube do Remo em Belém se destacou efetivamente com a prática do futebol), evitando-se ainda competições vinculadas ao rio e ao contexto rural, como o turfe. (OLIVEIRA, 2015).

O futebol, portanto, tornou-se o esporte símbolo de um novo projeto de mundo urbano, industrial, controlado mental e corporalmente por normas de conduta tanto para os grupos dominantes (nos clubes e escolas) quanto as classes trabalhadoras das fábricas e das construções férreas. Em Porto Velho, por exemplo, o futebol tanto quanto o próprio espaço urbano surgiu a partir do período da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré (EFMM), especialmente após a terceira fase sob controle da Madeira Mamoré Railway Company (subsidiária da Brazil Railway Company de Percival Farquhar).

Com o findar da construção da EFMM, ocorrida entre os anos de 1907 a 1912, a empresa MMRC em acordo com o governo brasileiro continuou sob o controle da EFMM e do transporte de navegações no Rio de Madeira visando construir uma maior lucratividade em relação aos esforços e investimentos feitos na região. No final de 1914, sob decreto estadual, a região no entorno da EFMM passou a ser considerada como um município, cujo primeiro superintendente assumiu em 1915.

Como forma de estabelecer uma maior organização e normatização dos espaços sociais durante a primeira década de municipalidade as principais lideranças políticas se empenharam em dar a Porto Velho um contexto simbólico de cidade representativa de um projeto de modernidade, de civilidade e organização sociocultural. Neste contexto, narrou-se em 1925 no jornal Alto Madeira em Porto Velho,

MUNICIPIO DE PORTO VELHO

A data de hoje, recorda o decimo anniversario da installação deste Municipio, facto que é auspicioso na nossa vida politico-social.

Quem por aqui viajou ha dez annos passados, fica deveras surpreso ante o rapido progresso de que hoje nos felicitamos, nessa demonstração de proficua actividade que se evidencia aos olhos de todos num expoente de trabalho victorioso, alicercado, nas varias obras distribuidas nesta cidade.

Para dez annos de vida autonoma e independdente, no balanço que hoje se abre ás vistas perquiridoras, muito ha que nos recomende eminiciativa particular e operosidade administrativa, nos trabalhos já realizados.

[...] Na vida social, o conjuncto é digno de apreço na organização familiar e nos elementos cosmopolitas que a constituem. O sport de foot-ball é defendido por quatro sociedades; um club recreativo, nos deleita com as suas excelentes festas; a Maçonaria, a Sociedade Beneficente Portuguesa, a Sociedade Irmã Caritas, promanam resultados com as suas obras de beneficencia; a Caixa Escolar Municipal, já distribue beneficios ás crianças pobres e presta serviços á propagação do ensino elementar; a imprensa, está representada por dois periodicos e, balanceando tudo quanto possuimos, verificamos quanto conseguimos em dez annos de vida activa e laboriosa, o que é uma recommendação do nosso esforço e bôa vontade. (JORNAL ALTO MADEIRA, Porto Velho, 24 de Janeiro de 1925, n. 792) (grifo meu).

Conforme o grifo na notícia acima, ao longo da primeira metade do século XX o futebol em Porto Velho foi, no âmbito da vida sociocultural, um dos principais elementos para refletir os anseios dos segmentos dirigentes na cidade e a partir de sua prática se procurava legitimar uma visão de uma cidade desenvolvida, urbana, higienizada e apta para servir de



baluarte para um projeto maior de um Brasil urbano, nacionalmente integrado e industrialmente constituído, especialmente a partir da década de 1930.

Outro exemplo da importância atribuída ao esporte, especialmente o futebol, data da publicação no Alto Madeira de 13 de Janeiro de 1921, na edição de n. 381 onde é pontuado que,

Eia mocidade sportiva; é preciso que vos animaes a engrandecer a Patria; é preciso que sejaes fortes para os embates sportivos. Esta secção espera de voz todo o esforço possível, no sentido de incrementando entre nos os “foot-ball. Haja vistas para grandes capitaes que são: Pará, Pernambuco, São Paulo e muito especialmente a Capital Federal, onde, em cada jovem encontrareis um homem cheio de civismo, preparados nos campos de “Foot-ball crickt Low-Tennis e nas garages do remo proveitoso, onde bebem essas lições heroicas, salutareis, preciosas.

Não nos devemos insurgir contra as apreciações de um, favor deste ou daquelle ou deste club, devemos olhar o fim collimado: o esporte.

Compatando estas palavras que são o meu sincero apoio aos jovens que praticam o esporte nesta cidade, pela norma que vem traçando desde o inicio esta secção, faço votos para que as equipes de “foot-ball” treinem e se adestrem as praticas do “Association”.

Inicialmente, sob a alcunha do discurso da modernidade era buscado o enaltecimento da realidade e cultura europeia das camadas dominantes, baseando a prática do futebol (então *foot-ball*) como instrumento simbólico para fortalecer e distinguir os grupos mais abastados do restante da sociedade marginalizada, devido ao caráter cívico da primeira que por tal discurso seria a única capaz de defender e engrandecer a pátria brasileira. Porém, no transcurso de quase dez anos de prática esportiva na cidade, o futebol em Porto Velho passaria sofrer modificações em seus signos, no sentido de dar legitimidade ao discurso nacionalista e em detrimento do enaltecimento do mundo europeu, procurando dar espaço e incluir no ambiente lúdico e no campo esportivo grupos e segmentos antes excluídos dos clubes locais.



Com o crescimento da importância da prática do futebol nas cidades brasileiras e especialmente a partir dos novos arranjos construídos na realidade política e sociocultural a partir da década de 1930, tanto o governo quanto importantes segmentos da intelectualidade e grupos dirigentes passaram a dar publicidade para novas formas de pensar e praticar este jogo de bola, e se outrora a proibição de jogadores negros e pobres se fazia corrente nos principais clubes e competições oficiais, com o discurso da brasilidade importantes alterações ocorreriam (não no sentido daqueles que continuariam dominando e controlando a prática e sim naqueles que poderiam praticar e acompanhar os jogos). (OLIVEIRA, 2016).

Muito embora as práticas esportivas nas principais ligas esportivas segregassem os clubes elitistas dos demais, é importante observar que mesmo com as mudanças ocorridas no controle e em determinados aspectos do discurso sobre o futebol ele continuaria sendo o espaço em que os grupos dirigentes tentavam pregar os ideais modernos e do mundo do trabalho, do controle do corpo e da sujeição à norma (o princípio do *fair play* é, ainda hoje, uma das bases da busca pelo respeito as regras e ao adversário).

Deste modo, entre os anos de 1920 a 1940 o discurso sobre futebol em Porto Velho foi permeado dos discursos da modernidade e distinção social, de um lado e o da nacionalidade e enaltecimento de uma ideia de brasilidade, de outro. Entretanto, cabe o questionamento: de que forma o futebol em sua prática foi capaz de assimilar e dar sentidos e contornos para estes projetos e valores na cidade?

A LINGUAGEM DO FUTEBOL E O FUTEBOL COMO LINGUAGEM



Esquemas táticos, posições técnicas, 4-4-2, WM, 4-2-4, 3-5-2, goleiro, zagueiro, atacante, lateral, meio de campo, impedimento, penalidade máxima, escanteio, falta, lateral, travessão, gol. O futebol e seus códigos, seus termos e jargões. Muitos podem falar sobre futebol, sentir o futebol, mas nem todos possuem o conhecimento para entender o que se passa dentro de campo. As jogadas treinadas a exaustão, as regras do jogo que possibilitam que, entre outras questões, durante a cobrança do lateral não exista impedimento de um jogador que não tenha dois adversários a sua frente. A regra nem sempre é clara, pois o jogo é complexo, possui exceções e rupturas.

O futebol seja como esporte ou lazer, tem em sua prática codificações que superam as tentativas de controle dos dirigentes de clubes, jornalistas e mesmo de determinados atletas e torcedores. Este jogo pode ser espaço para a violência e dominação simbólica e é ainda o espaço de duelos efetivos e brigas generalizadas dentro e fora de campo. O futebol, embora apropriado inicialmente para dar legitimidade ao discurso da modernidade e do novo homem, viu-se ainda como o espaço da criação de novas relações de sociabilidade, construção de redes de amizades e de enaltecimento à identidade clubista, regional e/ou nacional. É neste contexto que Melo (2010a, p. 95) aponta para o surgimento do processo de “esportivização” da sociedade a partir do século XX, onde

talvez possamos mesmo falar de um processo de “esportivização” da sociedade, isso é, a adoção de determinadas características da prática esportiva moderna como pressupostos generalizados. Obviamente que o inverso também é claramente observado: o esporte passa a servir como fórum de dramatização dos conflitos de ordem política, social, econômica, cultural.



Nestes termos, se para muitos o futebol é o reflexo do controle e da norma, ele é ainda, nas palavras de Elias e Dunning (1992) o local do extravasamento da vida social e do princípio civilizatório. Atentando-se para as específicas condições e posições teóricas adotadas por estes autores, é importante perceber a capacidade que o esporte, especialmente o futebol tem em não apenas representar questões e normas de condutas sociais, e em muitos casos ser inclusive o oposto, consistindo em local para rupturas e quebras de paradigmas e controles “em busca da excitação”. E é neste paradoxo em que o futebol se torna um espaço destacado para refletir sobre as sociedades nas quais ele está inserido.

O futebol é o veículo de significados e ele próprio ainda é o local de criação de significantes e de uma linguagem que, além de comunicar-se com o contexto mais amplo possui contornos internos que dão especificidade suficiente para lhe garantir formas e conteúdos próprios. Dito em outros termos, o futebol além de ser pensado pela sociedade em geral é ainda sentido, jogado em um contexto ritual e lúdico diferenciado por parte de seus praticantes. O esquema tático, os diálogos técnicos, as posições dos atletas, as regras do jogo constituem um conjunto de códigos que regulamentam a prática e ainda impõe aos adeptos a necessidade de estar integrado a um universo e lógicas internas do futebol.

Wisnik (2008) argumenta a necessidade de observar tanto o futebol “de fora” (ou seja, as formas com as quais este jogo é interpretado em sociedade) e o futebol “de dentro” (o jogo propriamente dito, pensado em suas especificidades e linguagem). Quando pensamos os discursos que a partir do *bola-pé* são projetados sobre uma dada sociedade ou contexto precisamos compreender que tal análise diz respeito a uma das características do jogo, ou seja, inculcar valores e se

colocar no local de algo para representa-lo, sendo um veículo de significados.

Neste cenário, ao falar sobre o futebol, Giulianotti (2010, p. 33) argumenta que “nitidamente, o futebol ‘procura cumprir funções e servir muitos senhores’ [...] esses incluem jogadores amadores, espectadores, clubes particulares, patrocinadores, novos mercados de futebol, diferentes governos e sistemas sociais”. Assim, nos termos de Bourdieu (2003), o futebol também se coloca como um campo com sentidos e lógicas internas, que precisam ser pensados e integrados a narrativa do futebol em sociedade, de forma a compreender as formas em que este jogo se torna capaz de se estabelecer como um dos principais aspectos culturais nas sociedades contemporâneas. Mas que linguagem e conjunto de códigos são estes e de que maneira eles foram capazes tornar o futebol um espaço de destaque?

Afirmar que o futebol reflete a sociedade que o pratica é parcialmente verdadeiro, mas é em outra parte, superficial e limitado. O futebol é mais do que isso. É uma linguagem, um campo, uma realidade que transcende os contextos e objetivos funcionalistas, que se infiltra no mundo “real” mas dando a ele características e significados lúdicos, advindos de um “circulo mágico” pensado por Huizinga (2000). O futebol tem o conteúdo que vai além do utilitário, do mundo natural e físico em sentido estrito. Chutar a bola é um movimento mecânico, mas o gol é uma criação linguística, um paradoxo poético, um delírio, o ápice quase universal de euforia, de ruptura e explosão de sentimentos.

Nestes termos, e seguindo o viés estético-analítico, Wisnik (2008, p. 13) ao enfatizar os argumentos o ensaísta-cineasta Pier Paolo Pasolini em seus argumentos sobre o futebol apresenta que,



Pasolini dizia que o futebol é uma linguagem, e comparava jogadores italianos com escritores seus contemporâneos, vendo analogias entre os estilos e as atitudes inerentes aos seus “discursos”. Mais do que isso, falava, escrevendo, em 1971, de um futebol jogado como *poesia*, referindo-se ao futebol sul-americano, e, em particular, ao brasileiro. [...] influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época, identificava processos comuns aos campos de literatura e do futebol: pode-se dizer que via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita).

Pensar o futebol a partir dos estilos literários é uma forma interessante de apreender esteticamente o conjunto linguístico e diferenciado deste jogo de bola, dando-lhe um conjunto de representações que fazem dele uma linguagem mais próxima de ser compreendida. Mas o futebol, ainda sim, é um pouco mais do que a prosa e a poesia. Gilberto Freyre (2010), ao prefaciá-la obra “O negro no futebol brasileiro” de autoria de Mario Rodrigues Filho, suscitou a existência, no Brasil, de um futebol dionisíaco, um futebol mulato, gingado, um futebol-arte, próximo a uma dança, imprevisível, o futebol dos dribles, o futebol brasileiro, malandro, belo.

O futebol, então, comporta tanto a estética literária como ainda é em si uma forma de arte, os dribles como pinturas e o jogador como o condutor dos pinceis, cujo quadro é um campo de futebol. Além disso, o futebol é um esporte, com regras, normas específicas cujo sentido só pode ser percebido a partir daqueles que permeiam o campo ou as arquibancadas e demais ambientes de jogo.

Portanto, este jogo não tem uma finalidade utilitarista. O futebol não é algo específico, não tem um exclusivo fim ou um único objetivo. Wisnik (2008, p. 20) argumenta ainda que,

O futebol é uma língua gera que acontece numa zona limiar entre tempos culturais que se entremeiam. [...] o

futebol foi assimilado e ressignificado no Brasil, onde se ocupou com galhardia a sobre de desocupação estrutural que o jogo oferecia, fazendo-o coletivo e individualista, pragmático e artístico, útil e inútil, surpreendente e belo, carnavalesco e trágico. Essas qualidades foram, aliás, reconhecidas em toda parte, sem prejuízo das contradições e paradoxos que ele abriga, e que serão tratadas aqui sob o mote do veneno remédio.

A capacidade que este *bola-pé* tem em transportar sentidos e ainda em criar novos deu a ele o que DaMatta (1994) chamou de caráter multivocal do futebol e ainda o simbolizou como um campo capaz de representar, nos estudos de Franco Junior (2007), o futebol como um conjunto de metáforas diversas, sendo elas sociológicas, antropológicas, religiosas, psicológicas e linguísticas. São nestes contornos que penso a condição do futebol nas análises sociais.

Especialmente sobre a percepção da linguagem do futebol (conjunto de termos utilizados na prática) e a percepção do futebol como uma linguagem, Franco Junior (2007, p. 348) ao considerar a linguagem como “qualquer sistema que permite representação do pensamento, seja por meio de signos sonoros, gráficos, gestuais ou lógicos (caso da linguagem algorítmica)” afirma que o futebol é uma linguagem, tanto por possuir sintaxes (componentes mínimos que se conectam e dão a dinâmica ao sistema do jogo), semântica (sentidos e significados em um dado momento ou suas flutuações ao longo de um dado contexto) e morfologia próprias, além de ser uma linguagem corporal e visual flexível e altamente comunicativa e ainda interações e certas variações internas de região para região na qual ele é praticado.

Além disso, “toda linguagem é conjunto de signos que isoladamente pouco ou nada significam. Eles devem ser tomados no interior de relações de equivalência, de

complementariedade, de oposição” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 382) e para pensar os significados, códigos e significantes construídos a partir e sobre o futebol se faz importante observá-lo inserido a contextos históricos.

E visando estabelecer uma discussão inicial sobre o futebol em Porto Velho e possíveis significados desta prática para a região amazônica e para o Brasil, analisando algumas notícias do jornal Alto Madeira sobre a temática do futebol se torna possível abstrair a linguagem do futebol e a partir dela, acredito ser possível compreender algumas questões, discursos e semânticas (sincrônicas e diacrônicas) sobre esta prática e principalmente, sobre a sociedade que se pretende construir e defender dentro de uma partida de futebol e ainda as mudanças nos sentidos, arranjos e linguagens do jogo.

Afinal, entre discursos, poesias, prosas, pinturas, o futebol é um jogo e como tal, precisa ser jogado (ou visto no ato de jogo) para ser entendido.

Uma partida de futebol

Porto Velho em um domingo do mês de março de 1925. Os principais clubes da cidade, sendo inclusive os mais antigos, encontraram-se para uma disputa amistosa. O União Sportiva, fundado em 1917 enfrenta um dos seus maiores rivais, o Noroeste Sport Club, fundado na década de 1920. O jogo se realiza no campo do Ypiranga, que de um modo geral seria o local de jogos de todos os times locais¹.

FOOT-BALL

No aprazível campo do valoroso Ypiranga Sport Club, realizou-se no domingo ultimo o jogo amistoso entre os primeiros quadros dos clubs Noroeste e União.

¹ Existia em Porto Velho, ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940 um conjunto significativo de clubes, entretanto a maior parte tinha pouca ou inexpressiva duração. Entretanto, 4 clubes se destacavam na vida esportiva local: União Sportiva, Ypiranga Sport Club, Noroeste Sport Club e Brazil Sport Club.

Grande foi a concorrência de torcedores que accorreu áquelle campo, na aneia de assistir a um prelio, cujo resultado, dependia apenas de mais ou menos sorte nos remates das linhas atacantes, tal o equilibrio dos dois quadros disputantes, que eram os seguintes:

União Noroeste

Arraes Bensabath

Alexandre Matta Antonio, Domingos Teimoso, Henrique Lincoln, Joãozinho, Rufino Alves.

Piedade, Peña, Palacio, Telmo, Ruiz, Caboclo, Repolho, Lauro Heitor Joaquim.

A's 16,1/2 horas teve inicio o prelio, sob a actuação de Fernandes, do Ypiranga, cabendo a sorte ao Noroeste que escolheu o campo norte. O jogo correu pouco animado nos primeiros momentos, devido afobação dos luctadores de ambos os clubs, os quaes rematavam mal as investidas.

Depois de uns cinco minutos de jogo consegue o União o seu primeiro goal, por intermedio de Heitor, tendo o Juiz annullado este ponto, sob o fundamento de estar um dos jogadores da linha atacante collocado "off-side." Essa decisão foi recebida com geraes protestos da assistencia visto como, o facto de estar um jogador da linha atacante collocado "off-side" não tendo tocado a bola ou interceptado qualquer dos jogadores defesa, não prejudica o goal feito por um outro jogador desde que, este esteja de posse da bola e bem collocado. E isto é uma regra de football "association," conhecida por qualquer neophito "footballer". Mas o referee assim o não entendeu e annullou o ponto, ao nosso vêr, validamente conquistado.

Em seguida, n'uma investida feliz conseguiu Joaquim abrir o escore, para o seu quadro, com bôa rebatida proveniente de uma penalidade tirada contra a União.

Reiniciado o jogo, apodera-se Piedade de esphera e correndo pela sua ala, envia forte tiro enviesado ao goal noroestino, conquistando em bello estylo o goal do empate. Assim terminou o 1º halftime.

Reiniciado o jogo após o descanso regulamentar, assume o União a offensiva, fazendo cerrado tiroteio ás traves noroestinas durante 20 minutos mais ou menos, dando occasião a que Domingos Monteiro, que jogou por todo o team, mostrasse a segurança e o perfeito conhecimento que tem de sua difficil posição.

Pegando uma escapada, e aproveitando um rebatida infeliz de Matta, que, como Domingos foi a selavação do seu "team" Repolho consegue desempatar a partida.

Recomeçado o jogo, dá-se uma "ercrime" na porta do goal noroestino, ocasionando um "hand" na area perigosa, feito por Lauro. O arbitro suspende o jogo e vae marcar a penalidade maximo (penalty), quando os jogadores noroestinos protestaram contra essa decisão. O referee, no intuito de evitar qualquer incidente desagavel e confiado mais no espirito de ordem do "team" unionista que na calma dos noroestinos, manda bater, com surpresa para todos, um "free-kick", na area de penalidade...

Batida esta penalidade, há novo “foul” de Domingos, mandando novamente o referee tirar outro “free-kick”, que foi defendido por Telmo, que estava visivelmente dentro do goal.

Foi geral o protesto contra essas decisões do arbitro, que, apesar de não acreditarmos, o fizesse intencionalmente, demonstrou no entretanto não possuir os requisitos necessarios ao bom arbitro : energia e precisão. As suas decisões não são seguras, e por isso dão lugar aos protestos que vimos no jogo de domingo ultimo, no qual a opinião de alguns jogadores prevaleceu muitas vezes.

Depois de mais algumas investidas, Lauro consegue mais um goal para as suas côres, terminando pouco depois o jogo com o resultado de 3x1 favoravel ao noroeste. Desse resultado discordamos, entretanto, achando que deveria sel-o de 3x3 caso fosse considerado valido, de accordo com as regras de foot-ball o 1º goal unionista, julgado pelo arbitro, irregularmente conquistado; e marcado, como deveria também, o “penalty” produzido pelo “hand” feito por Lauro.

Dessa forma, devem os norestinos agradecer a victoria de domingo, primeiramente ao arbitro e depois a Domingos a forte barreira do seu “team”.

Essa victoria trouxe aos moços do “rubro-negro”, um grande alento e uma extraordinaria alegria.

E é bem justa essa alegria, pois poucas têm sido as suas victorias e era preciso mesmo que, de qualquer forma fôsse diminuida a impressão desagradavel deixada aos noroestinos, pela significativa derrota de 7 x 0 que lhes foi imposta, pelo Ypiranga no anno passado.

(JORNAL ALTO MADEIRA, Porto Velho, 19 de março de 1925, n. 807)

Esta crônica mostra importantes questões sobre a forma de se jogar futebol na década de 1920 e o papel dos atletas dentro de campo. Dividimos o jogo em alguns pontos: a torcida (assistência), a condição de jogo dos “lutadores”, as regras de jogo e posicionamentos do árbitro (referee). De um modo geral, a crônica inicia enfatizando a significativa presença das torcidas (assistência) de ambos os clubes, seguindo a apresentar um início de partida tumultuado devido ao que se chama por “afobação” dos jogadores em errar os lances do jogo. Na sequência, narra-se o gol mal anulado (de acordo com o cronista) do time do União Sportiva devido uma compreensão equivocada do arbitro (referee) em relação



as regras da Foot-ball Association (organismo internacional regulador, junto à FIFA, da prática do futebol).

Após o polêmico lance, o Noroeste abre o placar e logo após acabar por sofrer um gol de empate para o União, ao passo em que se encerra o primeiro tempo de jogo. Ao retorno do segundo tempo de jogo, o cronista narra a postura ofensiva do time do União Sportiva, quando o time adversário consegue colocar o time do Noroeste novamente na vantagem do placar. Entretanto, na continuidade de jogo, uma continuidade de decisões ruins do árbitro (*referee*) acabou por definir a partida, por sequentes faltas e penalidades máximas cometidas por jogadores do Noroeste mas não marcadas corretamente, ainda de acordo com o cronista, pela arbitragem. Após isso, o time do Noroeste alcançou mais um gol e concluiu o resultado final da partida, somando 3 gols para ao Noroeste e 1 ao União Sportiva, o qual deveria ser atribuído, de acordo com a crônica, pela atuação do *referee*.

Além disso, mantendo uma grafia que mistura termos em português e jargões em inglês, a crônica esportiva ilustra ainda as especificidades do jogo na cidade de Porto Velho. O *referee* da partida foi um dos jogadores do time do Ypiranga, num momento em que a arbitragem tanto quanto os jogadores e clubes era amadora e selecionada entre os atletas e dirigentes das próprias agremiações locais. E se, por um lado, buscava-se respeitar as normas e aos demais participantes do jogo, em muitos momentos uma má interpretação das regras do *foot-ball association* acabava por culminar em desavenças entre os jogadores e ainda uma insurreição contra o árbitro da partida.

Se no ano de 1919, conforme observou Oliveira (2014) o jornal Alto Madeira publicou um conjunto de regras internacionais do futebol, as regras ainda geravam dúvidas entre os que acompanhavam os jogos de bola na cidade e



mostravam que, na prática, o discurso de controle do corpo e respeito à regra não seria tão bem assimilado, tanto pelo desconhecimento e interpretação equivocada como ainda pela própria rivalidade que surgia entre os clubes cuja vontade de alcançar a vitória acabava fazendo os jogadores incorrer em práticas proibidas e ainda em brigas generalizadas. Posto que, embora amistoso os jogos eram disputados de forma efetiva, sendo capazes de gerar rivalidades consideráveis entre os membros dirigentes, atletas e ainda entre os torcedores.

A narração de um jogo vai do épico ao encerramento irônico, dando sentido por meio das palavras a uma linguagem do futebol materializada nas entrelinhas da narrativa publicada no jornal. A crônica se encerra ironizando a importância, embora a controvérsia da condução do jogo pelo *referee*, da vitória para a equipe do Noroeste, procurando encerrar as reclamações à arbitragem, mas questionar a capacidade do time vencedor em construir vitórias significativas frente as derrotas humilhantes recentemente sofridas, visando portanto encerrar o conflito suscitado ao longo de toda a narrativa mas sem enaltecer a vitória do referido clube. Desta maneira, a própria crônica contém em si os elementos conflitantes entre discurso e prática do futebol em Porto Velho na década de 1920, ao pretender-se civilizado, mas cada vez mais disputado e permeado de contradições e passionalidades.

O futebol que seria, no discurso das camadas dirigentes, internalizado como forma de enaltecer um padrão de vida distinto e civilizado se tornava, na contramão deste discurso nos anos finais da década de 1920, um espaço para a construção de rivalidades e códigos próprios entre disputas exacerbadas e o questionamento à hierarquia da partida (que tem no arbitro a entidade máxima a ser respeitada).

Com isso, ao construir uma dinâmica interna, embora o discurso disseminado em outros momentos nas notícias



esportivas publicadas no jornal Alto Madeira procurasse distinguir os praticantes do restante da sociedade, a popularidade crescente fez com que o futebol passasse ser internalizado na vida sociocultural local e especialmente a partir dos anos de 1930, os clubes locais passaram a ampliar seu alcance social a partir da liberação ao acesso de não-sócios aos espaços de jogo, tanto para assistir quanto para jogar futebol, buscando inclusive a partir deste esporte construir identificações locais, clubistas e ainda referências positivas ao ser brasileiro (fator que seria amplamente apropriado pelos governos locais e o federal, notadamente a partir do Estado Novo varguista).

Além disso, passava-se a ver positivamente o envolvimento efetivo entre arquibancada e os jogadores, aproximando-se (embora sem uma relação efetiva e sem os contornos da capital federal) de uma construção de torcida apaixonada próxima ao que seria defendida, anos mais tarde, por Mario Filho no Rio de Janeiro. Este é, portanto, um processo de valorização do papel não apenas do atleta, como do torcedor, num contexto que irá observar a importância de um futebol que é tão importante ser jogado quanto assistido. (OLIVEIRA, 2016, p. 137)

A construção da importância e do alcance do futebol se deu, por um lado, pelo crescimento dos clubes esportivos e por outro, pela disseminação dos códigos e da linguagem futebolística entre os diversos segmentos sociais em Porto Velho. Tanto pelas notícias divulgadas no jornal Alto Madeira, quanto pela crescente assistência aos jogos tornava o futebol um elemento cultural amplamente consumido e vivenciado. E se, no discurso se buscava dar os contornos a este jogo de bola, seria na prática cotidiana e nos jogos que efetivamente se construía o futebol à brasileira na cidade de Porto Velho.

Entretanto, para observar tais questões, se faz fundamental compreender as dimensões que possibilitaram a transformação de discursos a partir da vivência do futebol.

Em 1919, sobre o jogo entre o Ypiranga e o União Sportiva, o jornal Alto Madeira narrou que,

Na tarde do dia 15, com numerosa assistencia, realisou-se renhido ‘match’ de ‘foot-ball’ entre as equipes dos valorosos ‘Ypiranga Sport Club, e ‘União Sportiva,. O jogo foi deveras emocionante, terminado pelo *score* de 0 x 0. [...] A’ bizarra rapaseada dos dois clubs fazemos um apelo : as rixas que entre eles estão se ateando só serviram para lhes diminuir o prestígio e a sympathia do publico. Sejam adversarios no campo, e só. Fazemos-lhe este apelo em nome de toda a sociedade culta de Porto Velho. (JORNAL ALTO MADEIRA, 20 de novembro de 1919, n. 261) (grifo meu)

Construindo um discurso contrário à ênfase apaixonada e de rivalidade exacerbada entre os jogadores, visando defender os princípios do *fair play*, do *sportman* e da civilidade (típico do discurso moderno do início do século XX) o jornal faz o apelo para que se encerre as brigas e discussões. Entretanto, já em 1931 o jornal modifica, influenciado pelas recodificações que foram construídas dentro da prática de jogo e ainda pelas mudanças na forma de pensar o *ser* portovelhense dentro do contexto nacional, o jornal narra:

Chronica pebolistica

União x Noroeste

A disputa foi tremenda na tarde domingo ultimo, no Stadium Paulo Saldanha, entre os valorosos teams: União Sporiva e Noroeste Sport Club.

Um ideal só dominava a todos os jogadores: Victoria! Parecia até que a numerosa assistencia tomava parte da lucta, ao notar-se o fervor das “torcidas” e os animosos gritos de entusiasmo.

Jogo sensacional! – esperança dava vida, multiplicando o ardor, não só dos jogadores, como tambem dos partidarios de ambos os Clubs. Um barulho infernal deixava-se ouvir da assistencia e centenas de vezes o pragmático “Lev”!! echoava pelo campo a fora.

Segundo a ordem natural das coisas, tudo que tem começo, ha de ter um fim e na hyphotese do jogo não terminar empate, um teria de sahir derrotado e foi o que aconteceu com o sympathico Noroeste.

(JORNAL ALTO MADEIRA, 19 de abril de 1931, n. 1442) (grifo meu)

A luta, a busca incessante pela vitória, o fervor, os gritos e o barulho infernal. Este é o futebol que se construía a partir de 1930. O futebol apaixonado e apaixonante. A competitividade a qualquer custo, onde mesmo que não fosse possível alcançar a vitória, ao menos lutar com todas as energias e esforços. A torcida também fazia coro ao novo futebol, que se sentia dentro de campo e ecoava pelas arquibancadas: vencer é o que interessa. Vencer um jogo que se representava e incluía agora em sua linguagem o teor bélico, a representação da batalha, da guerra, do duelo pelo gol.

Surgia, pois, o futebol à brasileira. A paixão pelo clube, seja no Rio de Janeiro, em São Paulo, Manaus, Porto Velho, Belém e ainda se espalhando pelas zonas rurais e mais longínquas do país. A Amazônia urbana dialogava entre si e com o restante do país a partir, entre outras, da linguagem da bola. Incurções de clubes de Manaus para Porto Velho, de Porto Velho para a Bolívia, da Bolívia para Porto Velho, de Belém para Manaus, do Rio de Janeiro para Belém, entre outros. O futebol que com 22 jogadores, um campo, dois gols e uma bola passava a conquistar todos os espaços, contextos e grupos sociais, seja com a rivalidade entre Remo e Paysandu em Belém analisada por Gaudêncio (2007) ou a rivalidade em menor escala entre Ypiranga, União e Noroeste em Porto Velho como ainda a crescente criação de clubes ao longo de toda a região amazônica, se consolidava como o espaço que permitia ao mesmo tempo a identificação de si e a negação do outro. A rivalidade como instrumento fundamental para a construção da vitória ou da derrota. O futebol como representante por excelência da alteridade.



Entretanto, embora houvesse rupturas nas normas, a lógica do futebol manteve desde seu início um princípio básico: o controle da bola, a busca pelo chute e toques. É aqui se estabelece um dos princípios para a definição do futebol como uma linguagem, posto que se ele está suscetível a mudanças, rupturas e alterações, ele possui ainda um código que lhe é condição básica de existência e definição: a busca pelo controle e domínio da bola. O gol, embora objetivo importante da partida, não chega a ser o elemento básico para a realização do jogo, ao passo que é a bola, os chutes e passes que determinam, onde quer que o futebol seja jogado, que definem por excelência o mundo do futebol, possibilitando inclusive ele ser considerado como uma linguagem que aproxima culturas e sociedades diferentes. A disputa pelo controle da bola é o morfema, a unidade mínima de significação do futebol em sua semântica linguística.

E com sua capacidade de dar significados e se ser facilmente compreendido, fez com que o futebol em Porto Velho tivesse a capacidade de representar a vida e de dar espaço a atletas de diversos tipos físicos, grupos étnicos, contextos e discursos variados ao longo de toda a primeira metade do século XX. Entre a modernidade e o nacionalismo, o futebol foi capaz de internalizar ambos (contemplando em si temporalidades diferentes) e construindo em torno deste *bola-pé* uma importante metáfora da realidade que é pelo futebol representada e ainda, modificada.

Dentro ou fora da partida, o jogo não se encerra e quanto maior a compreensão da linguagem do futebol, maior é a possibilidade de compreender a sociedade na qual ele é praticado.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO



O futebol contempla em si a norma e a ruptura, o controle e o descontrole, a racionalidade e a passionalidade. É ainda, como alude Wisnik (2008, p. 14) “o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo”.

O esporte que tem o gol como ápice, o chute como caminho e o jogo como uma das linguagens mais globais do mundo moderno. Entre rivalidades, identificações, enaltecimentos e negação, o objetivo é o mesmo: controlar a bola em busca da conquista do gol. Houve e continua existindo mudanças na forma de pensar e representar o futebol, mas sua linguagem em seus elementos mais básicos consiste em uma das mais eficazes ferramentas para alcançar espaços e cativar pessoas. A FIFA, por exemplo, ainda hoje possui mais países filiados que a própria ONU. A Copa do Mundo de Futebol é um dos maiores eventos intercontinentais da atualidade. É quase impossível, por mais críticos que possamos ser a ele, ignorar a importância que o futebol exerce no mundo desde o século XX aos dias atuais.

O resultado e os efeitos desta influência dependem daqueles que disputam e analisam a partida e embora mantendo um estilo diferenciado, se faz de suma importância observar os diversos conteúdos que o jogo comporta. Entre forma e conteúdo, sintaxes e semânticas, o futebol tem muito a dizer e sobre ele muito pode ser dito. Mas para isso, precisamos entrar no jogo ou aos menos compreender seus códigos e seus sentidos. Seja em Porto Velho, em Manaus, Belém, no Rio de Janeiro, em Londres, em Barcelona, La Paz, etc, o futebol é uma linguagem a qual podemos nos apropriar para pensar tantos os pontos em comum entre as mais diversas localidades, como ainda as peculiaridades construídas em um dado local durante um período de tempo.

Por fim, como diz DaMatta (2006, p. 67) “a bola corre mais que os homens...” mas é nesta procura por ela que podemos compreender melhor as razões deles correrem tanto e o contexto social, político e econômico no qual estes homens (entendendo-os aqui como humanidade) e a bola estão inseridos. Entretanto, ao final desta busca, pode ser que fiquemos no 0 a 0, mas o importante é a oportunidade de jogar, buscar e repensar os sentidos, a linguagem da bola e campo que possibilita sua corrida.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal, 2003.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, v. 22, 1994

_____. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. Apresentação. In: RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. **Diversão, Rivalidade e Política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905 – 1950)**. Dissertação de mestrado. Pós-graduação em História. Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Cadernos do cárcere** Volume 6: Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: Variantes e Índices. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MELO, Victor Andrade de (org). **Os sports e as cidades brasileiras:** transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Elis da Silva. **Football, modernidade e distinção social:** apropriação da prática do futebol pela classe dominante em Porto Velho nos anos de 1920. Monografia. Graduação em História. Departamento de História. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2014.

_____. Visões sobre a floresta em jogo: o football na Amazônia e a construção do discurso de “modernidade na selva”. No início do século XX. [Anais de evento]. **I Congresso Métodos Fronteiriços:** objetos míticos insólitos e imaginários. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2015.

_____. **Amazônica de chuteiras:** relações entre a prática do futebol amazônico e o discurso nacionalista entre os anos de 1930-1945. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Mestrado em História e Estudos Culturais. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade:** de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011



WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

A autora

Mestra em História e Estudos Culturais. Atua como historiadora e assistente de projeto de preservação histórica no Centro de Documentação Histórica do Estado de Rondônia, vinculado à Superintendência Estadual da Juventude, Esporte, Cultura e do Lazer do Governo do Estado de Rondônia. Integrante do grupo de pesquisa Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa do Imaginário, onde desenvolve estudos na linha de pesquisa sobre a construção da identidade rondoniense. Email: elisoliveiraa@gmail.com